



## **JOÃO ALMEIDA NO IV COLÓQUIO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL:**

**«O jornalista é a primeira testemunha»**

Andreia Mota

Cristina Pinto

3º Ano do Curso de Comunicação Social

**A.M/C.P. - Como é que descreve a sua profissão?**

J.A. - A minha missão como jornalista consiste em fazer um retrato da realidade, o mais compreensível possível para os que não estão nessa realidade, e o mais fidedigno, de maneira que os que lá estão se reconheçam naquilo que eu digo.

**A.M/C.P. - Quais os principais desafios que se colocam a um jornalista na actualidade?**

J.A. - É não ser conduzido por outros motivos para além do seu interesse genuíno na procura da verdade. Há uma diferença entre a verdade e a procura da verdade. É não ser movido por outros princípios que não sejam a procura da verdade e tentar fazer um retrato suficiente da realidade, isto é, um retrato que não seja parcial, que não seja só de

uma parcela, que seja suficientemente significativo para as pessoas compreenderem aquilo que existe.

**A.M/C.P. - A identidade do jornalista está em crise?**

J.A. – Depende. Há jornalistas que têm um problema em afirmar a sua independência, porque não têm instrumentos para a afirmar. E há outros casos onde os jornalistas conseguem afirmar o seu olhar sobre a realidade. Imagine um edifício com quatro fachadas: cada fachada tem uma cor, uma azul, outra vermelha, outra verde, outra negra. Se houver um jornalista que se chega de um lado e diz “Esta fachada é vermelha”, o outro que está do outro lado e vê uma fachada verde vai pensar “Este tipo está a mentir, eu estou aqui a ver o edifício e ele é verde”. No ângulo dele é verde, no outro ângulo é vermelha. E a realidade é apenas um olhar, é apenas um destes ângulos, e depois o conjunto das fachadas é que pode ser então o tal retrato da realidade, mas o jornalista, normalmente ocupa apenas um ângulo, é apenas uma das fachadas da realidade. E depois ainda há outras, que são por dentro, e outras depois no subsolo. É um olhar sobre a realidade e não a realidade, é esta a diferença.

**A.M/C.P. - Acredita que um jornalista desempenha um papel na mudança das mentalidades?**

J.A. – Claro. Acho que o jornalista não deve querer mudar, deve querer relatar; umas vezes muda, outras vezes não muda. Mas o objectivo dele não deve ser mudar, a missão não é mudar mentalidades, a missão é relatar, levar as pessoas a reflectir.

**A.M/C.P. - O jornalista está muitas vezes dependente da linha editorial. Isso não pode condicionar a informação que é transmitida e que é veiculada?**

J.A. – É raro. Por exemplo, no caso da SIC, é ela que define se se vai fazer esta ou aquela reportagem. Eu trabalho há quatro anos na SIC e há dezasseis no jornalismo, e em nenhuma circunstância um coordenador meu me diz se eu devo fazer este ou aquele ângulo. Ele diz-me “Vais fazer esta história.”, mas nunca me disseram “Atenção que não podes falar nisto” ou “Tens que abordar neste sentido”, isso nunca me disseram. O poder editorial é o poder de fazer ou não fazer, e não o poder de fazer de maneira A ou

de maneira B. Em suma, eu estou genuinamente convencido que em Portugal, pelo menos nos órgãos onde eu trabalhei, SIC e TSF, há verdadeira liberdade de imprensa. Eu como jornalista nunca fui coagido a fazer a história de uma maneira A ou B, eu é que decidi, a partir do momento em que me disseram que eu tinha de fazer o trabalho, eu é que decidi como é que era feito o trabalho. E às vezes com custos, isto é, às vezes numa posição em que a estação que eu represento fica em golpe, mas o poder mesmo assim estava na minha mão.

**A.M/C.P. - Acredita que existe uma identidade a nível nacional na construção do jornalismo, ou somos o reflexo do que se faz no resto do mundo?**

J.A. – Somos um reflexo do nosso tempo em Portugal e no resto do mundo, ou seja, somos tanto vítimas do que acontece no resto do mundo, como no resto do mundo são vítimas do que acontece. O espírito do tempo molda os comportamentos, molda aqui, molda na América, molda na Alemanha, molda na França. Eu quando comecei na minha profissão, há 15 ou 16 anos, notava que havia muito maiores diferenças entre o jornalismo que eu fazia aqui em Portugal e aquilo que faziam lá fora. Hoje, noto poucas diferenças entre o jornalismo praticado em Portugal. E a globalização também aconteceu no mundo dos *media*.

**A.M/C.P. - Provavelmente falamos no retrato da humanidade que nos referia durante o colóquio e que está circunscrito à nossa temporalidade.**

J.A. – Exacto. No universo do mundo em que nós vivemos, que é o mundo ocidental, há influência, ou seja, se quisermos entender o nosso universo como uma súmula de influências. Portanto, se quisermos, aquele universo está presente aqui, está presente lá, influencia talvez de uma forma diferente, mas em todo o caso, influencia tanto aqui como lá. O que eu quero dizer é que não é uma relação de dominância, em que os americanos dizem o que é que os portugueses fazem, não é isso, é uma espécie do tal espírito do tempo que molda as pessoas a comportarem-se de uma determinada maneira. Eu aqui há cinco anos perguntei num auditório do ISCTE, em Lisboa, quem é que queria fazer o quê, e percebi que a grande maioria queria fazer televisão, mas não a televisão que eu faço, queriam ser tipo o Jorge Gabriel, tipo *entertainer*.

**A.M/C.P. – Querem ser uma referência pública...**

J.A - Também. A fama é a parte atraente da comunicação, porque a parte do jornalista... às vezes um jornalista é um chato. Prefere ser uma pessoa simpática que faz umas entrevistas porreiras, e portanto eu acho que estamos a viver uma altura em que a informação está muito contaminada disso. Um jornalista é coagido a ser aquele tipo simpático e não pode ser muito agressivo. Por isso, quer na América, quer cá, o jornalista militante, aquele jornalista da causa, da verdade, é um chato.

**A.M/C.P. – Nesse contexto, podemos dizer que a informação que chega até nós nem sempre corresponde aos acontecimentos?**

J.A - Não há informação num modo bruto, é sempre mediatizada. Nunca é um reflexo, mesmo quando é uma imagem em contínuo é apenas um *frame*, podem acontecer muitas coisas ao lado e aquele *frame* é sempre uma parcela, é sempre um olhar, é sempre apenas uma fachada, nunca é o olhar todo.

**«No nosso mundo, depois de passarmos por um cenário de guerra, ou de uma revolução, parece que vemos as coisas com maior clareza»**

**A.M/C.P. – E ao olhar do jornalista?**

J.A - Eu acho que é, está muito contaminado por uma súmula de influências e de factores que influenciam. Não é só o olhar do jornalista no sentido de rei e senhor do seu relato, isso agora é muito relativo e levanta questões: até que ponto um jornalista consegue ser senhor do seu relato e consegue estar a relatar uma coisa que não sofre constrangimentos. Vocês estão a falar comigo e eu estou a ter um comportamento que não corresponde tal e qual à minha maneira de ser e de estar, vocês não têm uma imagem verdadeira de quem eu sou, também não vos interessa, mas se vos interessasse haveriam de fazer um retrato erróneo da minha pessoa e aposto como não o

conseguiriam fazer de uma forma normal, porque eu sei que estou a ser entrevistado e como tal comporto-me a condizer com essa circunstância.

**A.M/C.P. – O nosso comportamento também está a ser condicionado...**

J.A - Claro, aposto que vocês não são como parecem (risos). E a pergunta que vocês podem fazer é: em cada acto de jornalismo, em cada entrevista, quanto é que está visível da realidade da pessoa que vêem e da pessoa que está a ser olhada? É sempre uma parcela.

**A.M/C.P. – Num clima de guerra quais são as principais dificuldades que um jornalista enfrenta?**

J.A - Bem, são uma data delas. A guerra vem desarranjar tudo, o nosso quotidiano que está muito instalado. Numa sociedade estável ocidental que já tem uma série de rotinas, quando aparece uma guerra, todas essas rotinas são colocadas em causa. Quando eu estive na Roménia estavam 25 graus negativos, não havia aquecimento, e uma das dúvidas era como é que as pessoas se mantinham vivas, porque não imaginam o que é estar a viver num sítio com 25 graus negativos. No nosso mundo, depois de passarmos por um cenário de guerra, ou de uma revolução, parece que vemos as coisas com maior clareza. E a missão da Comunicação Social é um bocadinho essa: é levar as pessoas a descentrarem-se. O mundo é uma coisa muito variada, muito estimulante e muito sedutora, mas é também um local de sofrimento e de aprendizagem, e os media têm essa função de aprendizagem. O jornalista é a primeira testemunha, está na frente, tem de aprender a fazer essa aprendizagem.

**A.M/C.P. – Quando tem que dar uma má notícia como é que faz ?**

J.A - Não há más notícias. É uma velha máxima que nós temos. Nós não damos más notícias... O nosso destinatário é que avalia se é boa ou má. Eu não posso pensar se ela é boa ou má.

**A.M/C.P. – Mas certamente em algumas situações comove-se, fica mais frágil.**

J.A - No terreno, não. Eu estive rodeado de mortos no Ruanda e no momento em que estava a trabalhar, eu não queria saber. Eu vi um miúdo com o braço amputado com

uma catanada...e eu queria saber se ele tinha mãe, se tinha pai, queria saber coisas concretas, para depois erguer a minha história. Depois à noite ou já em Portugal é que aquilo tudo começava a assentar, a poeira começava a assentar na cabeça. E aí o raciocínio já é de outra natureza, mas no local são coisas muito práticas.

**A.M/C.P. – Torna-se uma pessoa fria no local?**

J.A - Mais ou menos, do género pragmática. É pragmático perguntar: onde é que vou comer? Como é que eu garanto a minha segurança? Tenho forma de voltar? Para já, o próprio repórter perde muito tempo consigo próprio: onde come, como mantém a segurança, com quem vai falar, etc.

**«...ser jornalista é ser a testemunha da história»**

**A.M/C.P. – Quais são os critérios que levam a essa escolha?**

J.A - A intuição. Ao chegar ao local é que nós fazemos uma avaliação de acordo com regras de comunicação. Imaginemos: em situação de guerra, eu vejo uma mulher com uma criança. É horrível não é? Mas a que está ao lado está na mesma circunstância e é tão horrível como a outra.. Falo com um médico tenho de pôr o tipo a descrever-me aquilo, mas preciso de outra coisa, não pode ser só esta mulher. Tenho de ir à procura, vou falando com as pessoas, tem de ser tudo prático.

**A.M/C.P. – Quais são as principais dificuldades que um jornalista enfrenta num país estrangeiro?**

J.A - Comunicação, segurança, sobrevivência, portanto comer, dormir, falar, comunicar. Conseguir comunicar com as pessoas que estão à volta dele. As dificuldades são de natureza prática. Portanto, vamos seleccionando, desbastando, se quisermos, partimos

pedra de um lado e do outro até termos uma, duas, três histórias. Esta tarimba aprende-se estando numa banca a fazer uma peça. Mas o princípio é mais ou menos o mesmo... é a tua atitude perante uma peça, quer seja um holocausto ou uma conferência de imprensa. Quer dizer, nunca é igual, deve ser o mais igual possível. Um bom jornalista é uma pessoa que planeia, que se orienta bem no terreno.

**A.M/C.P. – Qual é o género jornalístico que prefere?**

J.A - Reportagem, porque é a unidade mínima. Eu acho que um editor que está na banca e decide qual o alinhamento, ou um pivot que apresenta as notícias, não são os melhores exemplos do jornalismo; ser jornalista é ser a testemunha da história. Eu considero que foi um privilégio ter assistido a alguns momentos mágicos.

**A.M/C.P. – Quais os momentos que destaca na sua carreira?**

J.A - Pela forma positiva, uma reportagem que eu fiz sobre o Mozart, em Viena, porque me apercebi da personagem, porque fui aos sítios onde ele viveu, e falei com pessoas que sabiam a história dele. Ele foi um dos maiores génios da humanidade e permitiu entender o homem.... Também recorro a peça sobre os esquimós, com uma cultura completamente diferente da nossa, mas mil vezes mais cultos do que nós, porque sabem fazer de tudo o que necessitam para sobreviver. Pela negativa, as que mais me impressionaram foram sem dúvida no Ruanda, porque foi o cúmulo da crueldade. A cena que mais me impressionou foi na fronteira do Ruanda com o Zaire. Aquilo horrorizou-me: é a antítese do estado, é o anti-estado.

**A.M/C.P. – Quais são os principais vocábulos que encontra para caracterizar o jornalismo que se pratica em Portugal?**

J.A - Em evolução, incipiente. Esforçado e ingénuo.